

Tema: Sector Vitivinícola		Área: 134574 mm2		■	Âmbito: Nacional		
Título: O berço do melhor vinho português					Temática: Gestão/Economia/Negócios		GRP: 7.5
2007/04/06	EXPRESSO - ECONOMIA	Pág.1	Imagem: 1/2		Periodicidade: Semanal		Inv.: 17579.17

O berço do melhor vinho português P14



Tema: Sector Vitivinícola			Âmbito: Nacional	
Título: O berço do melhor vinho português			Temática: Gestão/Economia/Negócios GRP: 7.5	
2007/04/06	EXPRESSO – ECONOMIA	Pág.14	Imagem: 2/2	Periodicidade: Semanal

Qualidade Os vinhos portugueses foram avaliados por Robert Parker, um dos mais respeitados críticos de vinho do mundo. O Quinta do Crasto, Vinha Maria Teresa 2003, foi o vinho mais pontuado entre os 305 da lista

Perfeito, perfeito, perfeito é...

Texto **MARIA JOÃO DE ALMEIDA**
Foto **BRUNO BARBOSA**

Robert Parker, um dos mais conceituados críticos de vinho do mundo, publicou recentemente na prestigiada revista norte-americana "Wine Advocate" o seu primeiro relatório sobre vinhos de mesa portugueses, elaborado pelo seu colaborador Mark Squires. Um trabalho bastante completo (acessível no website <http://erobertparker.com>), que inclui notas de prova de 305 vinhos portugueses, brancos e tintos, classificados entre os 50 e os 100 pontos.

Se no passado apenas os vinhos do Porto contribuíam para a fama do nosso país, agora os vinhos de mesa também fazem as honras da casa. Os excelentes resultados obtidos nos últimos anos com os vinhos portugueses, em particular os durienses, vieram despertar, a pouco e pouco, a atenção da crítica internacional. No relatório de Parker, a região demarcada do Douro surge como a mais cotada, ocupando os primeiros 25 lugares da extensa lista dos 305 vinhos pontuados. Entre eles, encontra-se a Quinta do Crasto, com a maior quantidade de vinhos acima dos 92 pontos (7 vinhos em 21), destacando-se o Quinta do Crasto — Vinha Maria Teresa 2003, o vinho que recebeu a pontuação máxima deste relatório: 96 pontos.

A participação da Quinta do Crasto em inúmeras provas de vinhos dirigidas a reputados jornalistas internacionais do sector, permitiu aos responsáveis da Quinta encarar com optimismo a possibilidade de vir a obter resultados positivos neste relatório: "As boas pontuações, especialmente as dos vinhos

do Douro, vieram confirmar a qualidade dos nossos vinhos e têm o sabor especial de terem sido atribuídas por uma publicação que goza de uma enorme credibilidade e influência no sector", afirma Tomás Roquette, filho dos proprietários e responsável pela promoção da Quinta do Crasto.

A divulgação dos vinhos da região tem passado, em grande parte, pelas acções desenvolvidas pelos Douro Boys, um grupo de cinco produtores da região (Quinta do Crasto, Niepoort, Quinta do Vallado, Quinta do Vale D. Maria, Quinta do Vale Meão) que se uniram para, em conjunto, promoverem os seus vinhos no mercado interno e externo. No entanto, segundo Roquette, "Portugal ainda não tem imagem internacional como produtor de vinhos de alta qualidade". Além disso, "a estrutura da produção nacional não permite concorrer com outros países, em particular os do novo mundo, nos segmentos de baixo preço e grande volume". Apesar de tudo, o potencial qualitativo dos vinhos portugueses é grande: "Temos castas autóctones com grande qualidade, originalidade e carácter, o que nos permite explorar o desejo do consumidor esclarecido, já um pouco saturado das castas internacionais. Penso que o reconhecimento internacional dos vinhos portugueses depende de levar até ao conhecimento dos «leaders» de opinião essa qualidade e originalidade".

Investir na qualidade

Situada em local privilegiado, na margem direita do rio Douro, entre a Régua e o Pinhão, a Quinta do Crasto possui 130 hectares, dos quais 70 são ocupados por vinhas. Nos últimos anos, os seus vinhos têm sido alvo de diversas distinções nacionais e internacionais. Segundo Tomás Roquette, vários fac-

tores contribuíram para essa realidade: Um «terroir» de eleição, importantes investimentos que permitiram modernizar vinhas e instalações de vinificação e um acompanhamento especial, durante todo o ano, a essas mesmas vinhas (em particular, às mais antigas). A tudo isto, junta-se ainda uma equipa técnica empenhada — liderada pelos enólogos Dominic Morris e Susana Esteban — e um «marketing» agressivo, o que permite actualmente exportar 76% da produção da quinta, para mais de vinte países.

Com efeito, nos últimos quatro anos, na Quinta do Crasto realizou-se um significativo esforço de investimento em diversas áreas, de quase 3 milhões de euros. A plantação de 30 novos hectares e o melhoramento dos já existentes totalizou 1 milhão de euros. A instalação de uma adega para vinhos tintos, dotada da mais moderna tecnologia, teve um custo de 500 mil euros. A construção de um armazém para vinho engarrafado e de uma cave para barricas contabilizaram outros 950 mil euros. Por último, o investimento anual em barricas de 200 mil euros (utilizadas apenas durante três anos) também é significativo. "Para o biénio 2007-2008, temos previsto um investimento de cerca de 1,2 milhões de euros na instalação de uma adega adicional para vinho tinto, o que permitirá duplicar a nossa capacidade de fermentação para 400 mil quilos, e de uma nova cave com capacidade para cerca de um milhão de garrafas", remata Tomás Roquette.

Além dos investimentos realizados no Crasto, os Roquette adquiriram recentemente a Quinta da Cabreira — uma propriedade com 120 hectares no Douro superior — uma compra que ascende aos 3,5 milhões de euros e virá complementar o aumento de produção previsto para a Quinta do Crasto.

O MAIS PREMIADO

A Vinha Maria Teresa, com cerca de 90 anos, é a mais antiga da Quinta do Crasto. "Quando o meu bisavô Constantino de Almeida, adquiriu a Quinta do Crasto e iniciou a plantação de novas vinhas, deu a uma delas o nome da sua primeira neta — Maria Teresa", explica Tomás Roquette, da Quinta do Crasto. Esta vinha de 5 hectares, implementada em socalcos tradicionais a baixa altitude e com uma exposição a nascente, possui cerca de 30 castas tradicionais do Douro. Apesar da baixa produtividade de uma vinha muito antiga, é possível conseguir níveis elevadíssimos de concentração, o que permite obter um vinho muito complexo. Todos os anos, o Quinta do Crasto — Vinha Maria Teresa é vinificado separadamente, mas só é engarrafado nos anos em que atinge um patamar de qualidade excepcional. O resultado é um vinho muito vivo e concentrado na cor, aroma intenso a fruta madura muito bem integrada com a madeira. Na boca apresenta uma boa estrutura, com taninos bem presentes mas macios e um final longo e persistente.

ACIMA DOS 92 PONTOS

- Vinha Maria Teresa 2003** (Quinta do Crasto — Douro) 96 pts.
- Vinha da Ponte 2004** (Quinta do Crasto — Douro) 95 pts.
- Vinha Maria Teresa 2001** (Quinta do Crasto — Douro) 95 pts.
- Batuta 2004** (Niepoort — Douro) 95 pts.
- Abandonado 2004** (Domingos A. Sousa — Douro) 95 pts.
- Quinta do Fojo 2000** (M. Seródio Borges — Douro) 95 pts.
- Quinta da Manuela 2000** (M. Seródio Borges — Douro) 94 pts.
- Redoma Reserva Branco 2005** (Niepoort — Douro) 94 pts.
- CV-Curriculum Vitae 2004** (Lemos e Van Zeller — Douro) 94 pts.
- Vinhos Velhas Reserva 2004** (Quinta do Crasto — Douro) 94 pts.
- Duas Quintas Reserva Esp. 2003** (Ramos Pinto — Douro) 94 pts.
- Barca Velha 1999** (Sogrape Vinhos — Douro) 94 pts.
- Casa Ferreirinha Reserva 1994** (Sogrape Vinhos — Douro) 93 pts.
- Quinta do Vale Meão 2004** (Qta. do Vale Meão — Douro) 93 pts.
- Qta. Crasto Vinhas Velhas Res. 2003** (Quinta do Crasto — Douro) 93 pts.
- Quinta do Crasto Tinta Roriz 2003** (Quinta do Crasto — Douro) 93 pts.
- Qta. do Crasto Vinha da Ponte 2000** (Quinta do Crasto — Douro) 93 pts.
- Chryseia 2004** (Prats & Symington — Douro) 93 pts.
- Quinta Vale D. Maria 2004** (Lemos e Van Zeller — Douro) 93 pts.
- CV-Curriculum Vitae 2003** (Lemos e Van Zeller — Douro) 93 pts.
- Charme 2004** (Niepoort — Douro) 93 pts.



Tomás Roquette é um dos responsáveis pelo melhor vinho português segundo Robert Parker